

LAISLENE TAVARES DE JESUS

**PROCESSOS DE LETRAMENTO DE ADULTOS E CRIANÇAS NO CONTEXTO DO
CONVÍVIO FAMILIAR**

Itabaiana/SE

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO

DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA – DLI

**PROCESSOS DE LETRAMENTO DE ADULTOS E CRIANÇAS NO CONTEXTO DO
CONVÍVIO FAMILIAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras/DLI da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito de obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Beto Vianna

Orientanda: Laislene Tavares de Jesus

Itabaiana/SE, maio de 2016

Laislene Tavares de Jesus

**PROCESSOS DE LETRAMENTO DE ADULTOS E CRIANÇAS NO CONTEXTO DO
CONVÍVIO FAMILIAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras/DLI da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito de obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Universidade Federal de Sergipe, ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Beto Vianna – Orientador
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Prof. Dr. Fabio Elias Verdiani Tfouni – Examinador
Universidade Federal de Sergipe - UFS

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus todo poderoso, a minha mãe, meu pai (*in memoriam*) e meus irmãos, por todo o amor e dedicação para comigo, por terem sido as peças fundamentais para que eu tenha me tornado a pessoa que hoje sou.

Agradeço a Deus por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que eu pudesse concluir mais uma etapa de minha vida.

Ao meu amigo Danilo, amizade que foi construída e solidificada durante o curso, pela dedicação e espontaneidade de transmitir seus conhecimentos e por todos os momentos que passamos juntos, meu especial agradecimento. Sem você não conseguiria percorrer essa trajetória.

Ao professor Beto Vianna por me auxiliar nesse trabalho, pela paciência e dedicação para me ajudar a desenvolver este trabalho. Seus conselhos me proporcionaram confiança e perseverança para que eu o produzisse.

A todos os professores pela contribuição e amizade no decorrer do curso.

Agradeço especialmente às professoras Jacqueline Ramos e Jeane Nascimento que me inspiraram e são meus maiores exemplos dos quais seguirei seus ensinamentos na minha carreira no magistério.

Enfim, a todos que passaram por minha vida e deixaram suas marcas de contribuição para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho consiste em acompanhar eventos de letramento em meios considerados pouco letrados, a partir do estudo de caso de adultos que participam das atividades escolares extra-classe de seus filhos, através do convívio com a criança e do uso e das práticas da linguagem oral e escrita fora da instituição educativa, como também refletir sobre o papel dos pais no incentivo dos alunos à leitura e a escrita. Ao abordar questões relacionadas ao processo de alfabetização e letramento, entende-se que são processos indissociáveis que devem caminhar juntos levando-se em conta, também, a experiência familiar. Nessa mesma perspectiva, há também uma reflexão sobre o trabalho com o letramento e alfabetização dentro da escola, que deveria dar relevância à experiência familiar ou de convívio não escolar dos alunos. A pesquisa foi estruturada em três estudos de casos de famílias de alunos de escolas públicas no Município de Itabaiana/SE. Segundo Araújo et al. (2008), o estudo de caso é uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Paralelamente ao estudo de caso, utilizei as abordagens de Maturana (1998), Tomasello (2003) e Vyigotsky (1998) para a discussão da relação entre convívio social e construção do conhecimento e, para uma abordagem do letramento, utilizo-nos principalmente de Soares (2011; 2010; 2008), Ferreiro (2011; 1991) e Terzi (1995), entre outros, além de Freire (1989) na discussão do processo educacional e do papel do professor, estabelecendo uma discussão sobre a relação entre adultos e crianças e suas implicações para o ensino e aprendizagem de ambos no convívio familiar e escolar.

Palavras Chaves: Letramento e alfabetização, Convívio familiar, Relação adulto-criança, Prática Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	14
2.1 Diferenças entre alfabetização e letramento	14
2.2 Letramento e a aprendizagem da leitura e da escrita em ambiente social pouco letrado	16
2.3 A leitura no contexto familiar	18
2.4 A influência dos filhos no letramento dos pais	20
2.5 O papel do professor e da escola na promoção do ambiente familiar letrado	22
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	23
4 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	24
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda questões relacionadas aos processos de alfabetização e letramento a partir do estudo de caso de adultos que participam das atividades escolares extra-classe de seus filhos. A participação dos pais na educação dos filhos deve ser constante e consciente, de acordo com Parolin (2007, p. 36), “A qualidade do relacionamento que a família e a escola construirão será determinante para o bom andamento do processo de aprender e de ensinar do estudante e o seu bem viver em ambas as instituições”. Portanto, as possibilidades de aprendizagem de crianças e jovens dependem da qualidade de mediações e exemplos dos adultos a que ela seja exposta em seus vários momentos da vida.

A família é a primeira educadora dos filhos, depois a escola, daí a importância dessas duas instituições estarem em conformidade, compartilhando dos mesmos projetos, objetivos e visão de futuro das crianças. Portanto, o bom relacionamento e a integração que ambas apresentam influenciam nas representações que o aprendiz faz de si próprio e do mundo que o cerca. Nesse processo não devem existir culpados, porque na verdade o que existe são duas instituições presentes e, ou, ausentes na formação do ser humano. No entanto, não devemos nos esquecer que a educação da criança depende, principalmente, do que acontece com ela e, não, apenas, das influências externas, seja da família ou da escola. Segundo Maturana (1998, p. 27), “Nós, seres vivos, somos sistemas determinados em nossa estrutura. Isso quer dizer que somos sistemas tais que, quando algo externo incide sobre nós, o que acontece conosco depende de nós, de nossa estrutura nesse momento, e não de algo externo”.

Na perspectiva acima, dá-se também importância ao convívio, à aceitação da criança na convivência e, não, apenas, na instrução formal. A alfabetização e letramento destas crianças acontecem antes mesmo delas iniciarem sua vida escolar. São práticas sociais que envolvem os processos de leitura e escrita, pois para que os alunos possam se apropriar dessas práticas é necessário conhecer o código escrito, portanto o processo de alfabetização está ligado ao de letramento. Deste modo, segundo Magda Soares (2001, p. 92):

Alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis, que devem

caminhar juntos, sendo que alfabetizado é aquele aluno que conhece o código escrito, sabe ler e escrever e letramento designa a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita em contextos reais de uso. (SOARES, p. 92)

Os pais que estimulam a leitura ensinam os filhos a reconhecer o ambiente em que vivem possibilitam que as crianças desenvolvam atitudes que os influenciarão durante a vida adulta, como confiança, respeito mútuo e compreensão. Daí a importância dos pais lerem para a criança, ter boa disposição para responder e formular perguntas, utilizar palavras e enunciados que a criança conhece ou está prestes a conhecer, cerquem-na de atividades rotineiras e de vez em quando ofereçam-lhe alguma novidade; os pais devem sempre oferecer-lhe materiais para serem manipulados, como livros de história, jogos educativos, objetos da casa, com sua participação sendo eles de classe média ou não, de acordo com Freire (1989, pp. 11 e 20)

[...] A leitura de mundo precede a leitura da palavra, [...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

Segundo Mussen (1970), as crianças que provêm de classe média possuem melhor vocabulário, articulam com maior perfeição, falam mais correta e gramaticalmente e constroem frases mais elaboradas do que as crianças de classes inferiores. Aquelas, falam mais com os pais pelo fato destes terem a consciência de que a comunicação é de fundamental importância para seus filhos, assim elas se tornam mais interessadas na linguagem e são mais recompensadas por realizações verbais. Valmaseda (1995) também se refere à diferença de classes sociais, afirmando que crianças oriundas de ambientes familiares que oferecem maiores oportunidades para a aprendizagem da linguagem chegarão à escola mais preparados para a aprendizagem propriamente dita, não acontecendo o mesmo com crianças que trazem de sua infância experiências mais ou menos pobres, com maior propensão ao fracasso escolar.

Diante da definição de letramento e alfabetização e a situação educacional brasileira é possível afirmar que para a leitura e a escrita se constituírem fatores significativos para seus usuários, deve-se promover eventos que favoreçam essa aproximação no contexto familiar e escolar. Kohl (1995) destaca que a denominação “pouco letrado” não diz respeito, portanto, a nenhuma classificação técnica do grau de alfabetização dos indivíduos em questão, mas sim à condição decorrente da falta de oportunidade de interação intensa e sistemática com determinados aspectos culturais da sociedade em que o sujeito está situado.

Soares (1985) enfatiza também que as desvantagens das crianças das camadas populares estão claramente ligadas a diferenças nos níveis de conhecimentos, pois as crianças das camadas

dominantes, “convivem com falantes de um dialeto oral mais próximo da escrita (norma padrão culta)” e têm mais oportunidades de contato com material escrito através das leituras que lhes são feitas por adultos.

Terzi (1995) mostra que os eventos de letramento variam de acordo com cada grupo social e, nessa perspectiva, alguns são semelhantes ao da escola, enquanto outros são conflitantes. No Brasil, a diferença entre as camadas sociais quanto ao sucesso ou fracasso na alfabetização, é bem documentada. As crianças das camadas populares estão em desvantagem nas oportunidades de aprendizagem, em comparação com aquelas das camadas dominantes.

Os objetivos deste trabalho consistem, então, em apontar os eventos de letramento de meios pouco letrados, tendo nesse processo as atividades escolares desenvolvidas com a participação de mães/pais, professores/adultos do convívio da criança e os usos e práticas da linguagem oral e escrita fora da instituição educativa, assim estas mediarão o desejo e a necessidade de ter um ambiente familiar letrado, como também refletir sobre o papel do adulto no incentivo de estudantes a leitura e a escrita perpassando a linguagem a partir de uma perspectiva de alfabetização em parceria com o letramento desde a família até à escola, dada é a importância da família como mediadora e colaboradora dos seus filhos no ambiente escolar, pois é nela que se tem o início do caminho da alfabetização, da leitura e o valor do letramento cotidiano, pois esse é um processo que a torna algo simples e natural, analisando o comportamento destas crianças junto aos adultos diante de um ambiente letrado. Por isso, esta pesquisa busca ajudar a reconhecer as dimensões da alfabetização e letramento, melhorando a prática educativa, e por outro lado, a própria reflexão do professor em torno dos seus atos. É preciso pensar como podemos formar bons alunos, de forma a incentivar o uso da imaginação, criatividade, aguçar todos os sentidos, buscando o conhecimento e também a leitura.

A falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos traz um problema para as crianças, pois a família tem apresentado um papel importantíssimo na parceria com a escola e o estudo das crianças, como consequências quebrassem-se uma ligação de aprendizado recíproco. O diálogo entre a família e a escola, tende a colaborar para um equilíbrio no desempenho mútuo. A criança quando nasce já inicia com a família as diferentes situações de linguagem, e esta tem papel fundamental na formação e relações sociais as quais seus filhos estão inseridos. De acordo com Oliveira (p.141, 2001), quanto mais os pais leem, mais chances seus filhos têm de se tornarem leitores.

Logo, fica claro o quanto esse trabalho é de suma importância para conscientizar e incentivar pais e mestres a usar como ferramenta de ensino aprendizagem o letramento da língua escrita e falada sendo que a forma mais comum para esse processo de aprendizagem acontece quando o adulto pode usar os recursos da língua escrita em momentos do dia a dia que jugam importante ou mesmo na ajuda escolar que dão aos seus filhos. Portanto, essa mediação os levam à aprendizagem a partir do convívio, logo com a troca dos sujeitos (crianças, adultos), usando como cominhos diversos materiais escritos disponíveis - livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens e outros. Isso justifica o tema desse trabalho, pois mostra o quanto a participação dos pais é importante no processo de convívio escolar e familiar, assim como a reciprocidade desta ajuda para sua aprendizagem e o gosto pelo letramento nas suas atividades diárias.

Sendo assim, a partir da metodologia aplicada nessa pesquisa, refletiremos acerca do letramento e alfabetização escolar refletida nas relações familiares de algumas crianças. Essa reflexão é motivada pelos estudos e críticas às práticas pedagógicas que se mostram, na maioria das vezes, ineficientes com relação à aquisição das competências leitores e utilização do código escrito. Essa ineficiência é observada a partir do momento em que alguns alunos, apesar de estarem dentro da sala de aula, não conseguem acompanhar seus colegas com a mesma facilidade e são ignorados pelos professores não valorizando os conhecimentos adquiridos por esses alunos em suas experiências sociais e familiares.

Esta valorização traz benefícios para pais e crianças que passam a viver com adultos letrados, assim esse contexto passa a ser mais fácil de ser entendido, como afirma Freire (1989) "o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede", que aqui chamamos de letramento. Afinal, nesta era de comunicação e informação, a sociedade não mais permite leituras que objetivem uma única interpretação, estável e universal, nem mesmo leitores apenas de livros, mesmo sendo este de fundamental importância. Pelo contrário, hoje é cada vez mais necessário que o sujeito seja capaz de compreender as variadas linguagens e os múltiplos códigos que o envolvem como, por exemplo, pintura, cinema, teatro, propaganda, histórias em quadrinhos. O ser humano, ser social, não sobrevive sem informações e sem inteirar-se do que existe ao seu redor. Ler é uma atividade que nutre e estimula o imaginário, desenvolve o espírito, desperta sensações e a criticidade (Carvalho; Oliveira, 2004).

A pesquisa foi estruturada em três estudos de casos, onde as famílias têm filhos em escolas públicas no Município de Itabaiana/SE. Segundo Araújo et al. (2008), o estudo de caso se trata de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos

quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Coutinho (2003, apud ARAÚJO et al. 2008), refere que quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação. Da mesma forma, Ponte (2006, apud ARAÚJO et al. 2008) considera que:

É uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.

Em suma, paralelamente ao estudo de caso, aprofundamos a teoria histórico-cultural de Maturana, Tomasello e seus colaboradores, este defende em sua hipótese central que a aquisição e o desenvolvimento de competências linguísticas humanas são processos sócio-biológicos envolvendo habilidades socio-cognitivas humanas de compreensão e compartilhamento de intencionalidade e a participação em atividades sócio-comunicativas, historicamente estabelecidas. Maturana defende que a educação é uma transformação na convivência. Crianças e jovens transformam-se com os adultos, ou seja, somos frutos do meio, se damos amor, veremos nessas crianças adultos bem-sucedidos com valores sociais historicamente estabelecidas, com indivíduos humanos linguística e simbolicamente competentes. Quanto à abordagem do letramento, utilizamos o referencial brasileiro, principalmente de Soares, Ferreiro, Souza e Terzi, entre outros.

Para tanto, é apresentado um resgate teórico com revisão bibliográfica por meio de Freire e Vigotsky. Estabelecendo uma discussão sobre pais, adultos e crianças e suas implicações para o ensino e aprendizagem de ambos no convívio familiar e escolar.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 Diferenças entre alfabetização e letramento

O letramento é uma ferramenta do ensino-aprendizagem no uso da língua escrita, sendo que a forma mais comum para esse processo de aprendizagem acontece quando o adulto pode usar os recursos da língua escrita em momentos do dia a dia que jugam importante ou mesmo na ajuda escolar que dão aos seus filhos. Para Soares (2000) ler para os filhos também é importante fonte de prazer, pois, ao mesmo tempo em que se oferece algo valioso para as crianças (a nossa presença), lhes brindamos com a possibilidade de "viajar" pelo mundo pelas páginas de um livro

A alfabetização é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação. Esse processo não se deve resumir apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar e produzir conhecimento. A alfabetização envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral.

As diferenças existem entre letramento e alfabetização, mas ambos andam juntos, pois por definição o letramento tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade e se amplia cotidianamente por toda vida, com a participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Abrange as mais diversas práticas de escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, mas fazer tudo dentro do contexto em que vive, porém não escreve cartas, não lê jornal, etc. Se a criança não sabe ler, mas pede que leiam histórias para ela, ou finge estar lendo um livro, se não sabe escrever, mas faz rabiscos dizendo que aquilo é uma carta que escreveu para alguém, é letrada, embora analfabeta, porque conhece e tenta exercer, no limite de suas possibilidades, práticas de leitura e de escrita

Segundo Soares (2003), alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, e que torna-se relevante a distinção entre eles, ao mesmo tempo

que é importante também aproximá-los: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (SOARES, 2003, p. 90 apud COLELLO, 2004).

Nesse sentido, Soares (2006) pontua que não basta que a criança conviva com muito material escrito, é preciso orientá-la sistemática e progressivamente para que possa se apropriar do sistema de escrita associada às práticas de letramento social que a criança traz consigo. Porém, essa apropriação deve ocorrer a partir dos trabalhos com a leitura de livros. Dessa maneira, a criança desenvolve um processo sistemático de aprendizagem da leitura e da escrita.

Sobre esse aspecto Soares (2003) pontua que, embasado no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, dissociar alfabetização e letramento é um equívoco. A entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita (alfabetização) e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (letramento). Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis pois, segundo Soares (2003, p. 15) a alfabetização se desenvolve no contexto da leitura e escrita por meio de práticas sociais destes mecanismos pedagógicos, isto é, através de atividade de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto social por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Soares (2003) evidencia que mesmo a criança e/ou o adulto analfabetos, partes de um contexto social, expressam os mais diversos tipos de escritas e que mesmo sem ser alfabetizados já possuem um certo grau de letramento. Sendo a alfabetização e letramento ferramentas primordiais do exercício da cidadania, implica numa participação direta da criança no exercício de suas funções sociais, pois é através do seu envolvimento com a sociedade letrada que a criança terá a oportunidade de ver e se ver como sujeito social e adquirir, de fato, o domínio do código convencional escrito em suas práticas sociais.

Em relação ao material escrito presente no cotidiano da criança, Soares (2006) afirma que é preciso orientá-la de forma sistemática e progressiva para que possa se apropriar do

sistema da escrita. E no processo de alfabetização e letramento deve partir de textos reais, com livros, etc. e conseqüentemente, a partir desse material e sobre ele, desenvolver um processo sistemático de aprendizagem: da escrita e da leitura compreendendo o porquê da alfabetização, bem como sua real finalidade enquanto sujeito ativo de uma sociedade letrada.

2.2 Letramento e a aprendizagem da leitura e da escrita em ambiente social pouco letrado

O tema em questão esclarece porque crianças que vivem em ambiente em que pais ou adultos próximos são analfabetos ou semianalfabetos e as crianças trazem de casa bagagem de conhecimentos incompatível com o cenário. Soares (2010) afirma que um adulto analfabeto poder ser um indivíduo letrado, ou seja, ele não aprendeu a ler e escrever, porém utiliza a escrita para escrever uma carta, por exemplo, solicitando que alguém alfabetizado redija a carta. Portanto, este indivíduo demonstra que conhece, de alguma forma, as estruturas, funções e importância do sistema da escrita para o exercício comunicativo. Apesar de não possuir a tecnologia da decodificação dos signos, ele possui certo grau de letramento devido a sua experiência de vida em uma sociedade que se utiliza da escrita, logo, este é letrado, porém não com plenitude. Leal (2004, p.51) concorda com Soares quando diz que o “letramento não é uma abstração, ao contrário, é uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diferentes espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas”.

De acordo com Soares (2008, p. 57), há um grave problema quando existem pessoas que se preocupam com a alfabetização sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos. A escola deve criar as condições necessárias para o letramento, pois temos consciência de que ela não forma leitores sozinha, mas sabemos também que a instituição educacional é fundamental para ajudar nessa formação já que as crianças muitas vezes aprendem o código, a mecânica, mas depois não aprendem a usar. Dessa maneira, a tarefa de alfabetizar levando em consideração as experiências sociais trazidas pelas crianças, significa dar subsídios aos alunos para que estejam preparados para usar vários tipos de linguagem em qualquer tipo de situação, havendo assim uma escolarização real e efetiva, desenvolvendo nos alunos um conjunto de habilidades e competências leitoras e escritas.

Para Soares (2008), o letramento não é só responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita, pois cada área do

conhecimento tem suas peculiaridades que só os professores atuantes em tais áreas conhecem e dominam. É essencial que os educadores ampliem sua visão sobre esse tema, inserindo os alunos em outros ambientes que levam ao letramento como: a dança, a música, a pintura, etc., isso possibilita a criação do sentimento de cidadania,

Aos professores cabe-lhe a função de desenvolver as habilidades mecânicas da leitura e escrita nos alunos concebendo a ideia de que estes indivíduos possuem um determinado grau de letramento social. Tal capacitação deve ser desenvolvida através de incentivos a leitura de diversos gêneros textuais e exercitar a interpretação e compreensão dos textos lidos.

O processo de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita na escola não pode ser desvinculado das relações e práticas familiares e sociais dos alunos. Estes processos devem ser interligados e levados em consideração objetivando situar a criança na realidade social na qual se insere. Sendo assim, ensinar na perspectiva do letramento significa não somente formar o aluno como um mero analista de sua língua, mas, sobretudo um usuário consciente de cada habilidade linguística refletindo sobre o seu uso e tendo a noção que as práticas linguísticas ocorrem de forma diferenciada e devem adequar-se a situações de comunicação. Desse modo, de acordo com Rojo (2009, p. 98), "um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita na vida, de maneira ética, crítica e democrática"

A cultura e os costumes de uma sociedade também devem ser considerados como níveis de letramento, pois tanto quanto a escolarização é importante em uma determinada cultura, a luta por manter rituais e costumes em outras sociedades também deve ser valorizada, pois para ela, ali está o letramento, o saber viver e transmitir ensinamentos, como exemplo podemos destacar a cultura e rituais de algumas aldeias indígenas.

Soares (2010 p. 58) afirma que o nível de letramento está fundamentalmente ligado com as condições sociais, culturais e econômicas da população e, é necessário que antes de pensarmos em letramento, especificamente o escolar, temos que criar "condições para o letramento", onde haja escolarização real e efetiva da população, com disponibilidade de material de leitura, visto que, se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever, não há material impresso posto à disposição num preço acessível, e nem bibliotecas num número essencial à população brasileira. Para Kleiman (2005), a

alfabetização inclui o letramento, ou seja, são processos disciplinares que não devem ser dissociados.

De acordo com Soares (2004, p. 90), a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia (a alfabetização) e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos e atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvam a língua escrita. Para Soares (2010, p. 39), o surgimento de novos termos, relacionados às noções de letramento e alfabetização, faz parte da necessidade que a sociedade tem para nomear coisas e objetos para que realmente eles existam, assim, a palavra “letramento” nasceu para caracterizar aquele que sabe fazer leitura e da escrita respondendo, assim, às exigências que a sociedade impõem nas práticas de leitura e de escrita do cotidiano. Sendo assim, o indivíduo que saiba ler e escrever não permite dotá-lo do exercício da interação social

À medida que as pessoas aprendem a ler e a escrever e à medida que, concomitantemente, a sociedade se torna centralizada na aquisição da prática da escrita, um novo fenômeno se evidencia: ler e escrever não é o bastante para afirmar que o analfabetismo vem sendo superado no Brasil. Aprender a ler e a escrever não significa dizer que o indivíduo incorporou as práticas da leitura e da escrita tão pouco afirmar que estes indivíduos adquiriram competência para envolver-se com práticas sociais de escrita (Soares, 1998 p. 45-46).

Para Ferreiro (2001, p. 98), as crianças aprendem algumas noções matemáticas antes mesmo de iniciarem seus anos escolares. Iniciam seu aprendizado do uso social dos números participando de diversas situações de contagem e das atividades sociais relacionadas aos atos de comprar e vender.

2.3 A leitura no contexto familiar

De uma forma geral, constatou-se existir, no conjunto das famílias, várias práticas de leitura com usos e funções diferenciadas: para interação social, busca de informações, auxílio à memória, leitura de textos religiosos, brincadeiras de escolinha e lazer. Entende-se que haverá grandes benefícios no desenvolvimento da leitura e da escrita da criança se esta estiver inserida em um ambiente familiar que influencia o letramento, seja à exposição constante à leitura de livros infantis que auxilia no “conhecimento sobre estórias em si, sobre tópicos de estórias, estrutura textual e sobre a escrita” (TERZI, 1995, p. 43), seja ouvindo e discutindo textos com

peessoas letradas o que “pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre a linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita [...]” (TERZI, 1995, p. 43).

A história de letramento das crianças influencia seu desenvolvimento posterior de leitura. Dada sua concepção restrita de escrita como algo próprio da escola e não de seu cotidiano, a criança constrói, nas primeiras séries, um conceito de texto e leitura baseado nas práticas escolares: o texto é visto como um conjunto de palavras e sentenças cujo significado não interessa e a leitura, conseqüentemente, é tida apenas como decodificação. Se lhes forem dadas condições propícias de aprendizagem de leitura, elas apresentam uma trajetória de desenvolvimento como leitoras que é, inicialmente, limitada pelas próprias condições de letramento, mas que, a seguir, se dá normalmente, uma vez que tais condições são facilmente superadas (TERZI, 1995, p. 148).

A linguagem verbal é bastante estimulada dentro da Educação Infantil, compreendida como “[...] primeira etapa da educação básica, [que] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996).

O fato da criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influência positiva e significativa em seu progresso na leitura nos primeiros anos escolares pois quanto maior a vivência com material escrito, maior a facilidade em compreender os usos da linguagem escrita. Quanto mais a criança partilha de atos de leitura e de atos de escrita, mais fácil será para ela interpretar a aprendizagem da leitura e da escrita. Conseqüentemente, se a criança descobre usos significativos da escrita partindo de seus esquemas de assimilação, desenvolvidos em atos de leitura ou de escrita, ou seja, construindo pontes de atividades.

De acordo com Terzi (1995), o ambiente familiar de letramento exerce papel fundamental como influente na aprendizagem de leitura. Crianças que fazem parte de famílias que se preocupam com o andamento das práticas de leitura e escrita desenvolvidas na escola e que, esses familiares praticam com a criança esses exercícios em casa, habilitam-na a uma facilidade maior de aprender a ler e a escrever uma vez que

o fator proeminente que mais parecia contribuir para o desenvolvimento acelerado de leitura das crianças era o fato de elas serem oriundas de famílias preocupadas com a escrita e de terem sido expostas, de maneira intensiva, à leitura de histórias desde muito cedo (TERZI, 1995, p. 43).

No contexto familiar, alguns níveis de incentivo à leitura se fazem presentes. Por exemplo, quando a criança é presenteada com um livro faz uma primeira leitura manual (leitura sensorial), apalpando o livro, conhecendo-o fisicamente antes de mesmo iniciar a leitura propriamente dita (leitura racional). A leitura nos envolve em todos esses níveis e a família pode utilizar o nível sensorial para incentivar a criança a ler, visto que sempre utilizamos a leitura em diversas situações e com diversas finalidades em nossas vidas. A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, torna-se um exercício enfadonho que não desperta interesses na criança, apenas a pratica como cumprimento de obrigação escolar.

No entanto, se o estímulo à leitura acontecer no ambiente informal, principalmente no lar, é mais provável que o leitor apresente maior facilidade para compreender textos. Segundo Vieira (2004, p. 6),

O leitor formado na família tem um perfil um pouco diferenciado daquele outro que teve o contato com a leitura apenas ao chegar à escola. O leitor que se inicia no âmbito familiar demonstra mais facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, além de desenvolver um senso crítico mais cedo, o que é realmente importante na sociedade.

A escola exerce um papel importante na formação de leitores, sendo assim, cabe a ela formar leitores por toda a vida e dessa maneira, torna-se essencial fornecer boas condições de trabalho para o desenvolvimento da leitura, além da atuação do professor nesse processo. Se à escola foi dado o objetivo de formar leitores, o professor é o principal executor desse projeto, e dele será o dever de apresentar o mundo da leitura ao aluno. A maneira como o professor realiza essa tarefa será decisiva para despertar ou não o interesse pela leitura.

2.4 A influência dos filhos no letramento dos pais

Os pais que ajudam seus filhos com as tarefas escolares ampliam e exercem seu letramento pois, nessa relação em que ocorre a troca e avaliação de conhecimentos de ambas as partes, fornece às crianças subsídios para construir e fortalecer seus conhecimentos para

executar tais práticas apreendidas e aprendidas, tanto no lar como na escola, exercendo, assim, a cidadania. Além de ampliar nosso entendimento do mundo, a leitura propicia o acesso à informação com autonomia e permite o exercício da fantasia e da imaginação, estimulando a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias entre pai e filho. Ou seja, é, simultaneamente, objeto de conhecimento e instrumento de aprendizagem. Neste sentido, a leitura é essencial para o desenvolvimento pessoal e social. Do mesmo modo, é necessário pensar nos aspectos pedagógicos da família pois de acordo com Nogueira (1998) a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos pode influenciar, de modo efetivo, o desenvolvimento escolar das crianças e assim ampliar seus conhecimentos.

Na perspectiva do letramento familiar, Gokhale (1980) afirma que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A participação da família na educação escolar de seus filhos como colaboradora dos professores na educação didática das crianças proporciona a elas um futuro melhor como um sujeito ativo socialmente. A família, nessa relação mútua de colaboração, torna-se a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter de uma sociedade letrada. Assim, pode-se dizer que as crianças precisam sentir que fazem parte da construção de uma família.

Para Castanheira (1992) não se contesta que a criança inicie o processo de alfabetização por meio de atividades da vida diária, a partir do uso de materiais escritos, juntamente com figurativos, disponíveis em casa. O processo de construção de letramento entre pais e filhos, segundo a perspectiva apresentada por Nicolau (1995), deve ser observado de acordo com as vivências estabelecidas no cotidiano, a relação sociocultural em que ela vive, pois, essa constatação é influenciadora no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Maldonado (1981, p. 9), educar os filhos é uma tarefa complexa, pois cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à criatividade e à flexibilidade dos pais. A arte de educar consiste, sobretudo, na possibilidade de os pais crescerem junto com seus filhos, respeitando sua individualidade e seus limites acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebê para a crescente autonomia e independência do filho quase adulto. Concluímos que a participação dos professores no processo de alfabetização é muito importante, porém cabe aos pais a tarefa de orientar seus filhos e dirigi-los, proporcionando experiências educacionais e servindo-lhes de modelo.

2.5. O papel do professor e da escola na promoção do ambiente familiar letrado

A função da escola não é apenas ensinar a criança a ler e escrever, mas levar o indivíduo a fazer uso da leitura e da escrita, envolvendo-se em práticas sociais que delas dependem e também das relações que mantém com grupos sociais, culturais e econômicos. É imprescindível, portanto, que a escola disponha de materiais para leitura como jornais, revistas, acesso à biblioteca, livraria, etc., para garantir que a formação de um indivíduo letrado e habilitado às questões estruturais de leitura e escrita se realize.

O contato com o objeto do conhecimento em seu cotidiano, aliado à vontade de interpretar o sistema de leitura/escrita leva a criança a formular perguntas e respostas, ajustando-as até a escrita convencional. Isso ocorre no momento em que a criança entra na escola, cujo espaço físico deve garantir além do acesso às informações, construí-la como um todo, com formação de valores que preparem o sujeito para efetiva participação social.

Portanto, o primeiro passo da escola consiste em assegurar um correto e adequado processo de iniciação à leitura. A leitura, como prática sociocultural, deve estar veiculada ao despertar do prazer associados aos gostos dessas crianças. Silva (2002, p. 86), conclui e relata três pontos preocupantes em relação aos motivos que leva os professores a errarem: formação precária e empobrecimento contínuo de suas condições para a prática de leitura e para a participação na cultura em geral; apego quase exclusivo ao procedimento tradicionalista de cópia e escrita em função, muitas vezes, da inexistência de bibliotecas escolares e/ou tecnologia de apoio ao trabalho; negação da história pessoal construída ao longo da experiência docente pelo método tradicional que leva o professor a cultivar receitas prontas para problemas de ensino e aprendizagem, sufocando a autonomia e deteriorando a imagem do magistério brasileiro.

Concluimos que a participação dos professores no processo de alfabetização é muito importante, porém cabe aos pais a tarefa de orientar seus filhos e dirigi-los, proporcionando experiências educacionais e servindo-lhes de modelo. Família e escola devem trabalhar juntas em prol do desenvolvimento intelectual e social de suas crianças.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Com base na discussão apresentada acerca do tema, a qual se encontra cientificamente fundamentada por referencial teórico, serão, a seguir, apontados e analisados os dados advindos da pesquisa de campo de cunho interpretativo realizada com 3 mães que tem filhos em idade escolar no nível de alfabetização no município de Itabaiana/SE. Elas se dispuseram a participar dos estudos de casos após a pesquisadora explicar o porquê da pesquisa. Segundo Araújo et al. (2008) o estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Yin (1994, apud ARAÚJO et al. 2008) afirma que esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “porquê?”, sendo o objetivo descrever e analisar o fenômeno de forma profunda e global.

Esse estudo foi construído e observado em ambiente natural com observações indiretas, utilizando-se de questionários, onde este foi realizado dentro de um contexto, ou seja, indiretamente, onde o problema está relatado de como sucederam e as situações proporcionam conhecimento à cerca do fenômeno estudado e constata efeitos e relações presentes no caso.

4 ANÁLISE DO *CORPUS*

A genitora da família 1 é M.N.S mora na zona urbana da cidade de Itabaiana/SE, tem 31 anos de idade, possui ensino médio completo, trabalha fazendo e vendendo bolos. Hoje tem um filho com 8 anos de idade que estuda o 3º ano do Ensino Fundamental em Escola da rede pública de ensino. A família 2 é composta por duas crianças uma de 10 anos e outra de 11 anos que estudam ambos no 4º ano do ensino fundamental e sua mãe de nome S.N.S de 44 anos tem como escolaridade o 9º ano do ensino fundamental e trabalha no comércio de Itabaiana. A criança da família 3 tem 8 anos e estuda no 3º ano do Ensino Fundamental da rede particular sua genitora tem 26 anos, trabalha como vendedora comercial e possui o Ensino Médio incompleto. Ambas têm em comum o casamento e a necessidade de trabalhar como motivo para parar os estudos. São casadas, seus esposos trabalham para complementar a renda da família. As mães em questão foram abordadas com as seguintes questões: “Você ler fluentemente livros, revistas, jornais e histórias em quadrinhos? Ajuda seu filho nas atividades escolares? Frequenta a Escola com frequência para saber como anda seus filhos? A Escola e os professores atendem as suas perspectivas?”.

Família 1:

Ao ler o texto não verbal que trazia a imagem de um pomar contendo plantações de maçãs, bananas e abóboras onde os frutos e legumes estavam em árvores trocadas, a mãe teve certa dificuldade em auxiliar a criança a responder o que a atividade solicitava: o que se via na imagem; quais eram as impressões sobre a reforma na natureza presente ali; se poderiam ser consideradas adequadas e porquê; o que poderia ser mudado na natureza e porquê. Ao ler e não saber reconhecer o que está a sua frente fica claro que esta mãe não tem o hábito da leitura, para Solé (1998, p. 27) “a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação”

Sem compreenderem a questão e não perceberem a troca dos frutos nas plantações, a mãe se mostrou um pouco impaciente. Ao reconhecer a troca na plantação, o desenvolvimento da atividade aconteceu, segundo Vygotsky (1988, p. 131) “A compreensão da língua escrita é efetuada primeiramente através da língua falada”, onde após a leitura do texto, o mesmo pode

ser debatido. Ou seja, com a intervenção da autora na leitura do texto e possível discussão sobre ele ficaria mais clara e ela poderia até escrever um novo texto baseado em suas ideias, a luz do que foi lido anteriormente, ampliando o que viu acerca do tema, pois segundo Tomasello, (2003), esse processo são aspectos biológicos e sócio pragmáticos envolvidos nos processos de aquisição e desenvolvimento de competências linguísticas.

A presença da mãe nas tarefas escolares é bastante ativa, mas permeada por dificuldades, ou seja, os pais tentam auxiliar, buscam estratégias, mas não conseguem atingir os objetivos, muitas vezes por falta de entendimento pedagógico ou mesmo orientações específicas

Percebemos que a mãe cobrava que a criança lesse os enunciados e procurasse responder de acordo com sua própria opinião sem muita interferência. Para Freire (1992), a leitura exige uma postura crítica e aberta, radical e não sectária, exige disciplina e rigor, além da paixão de conhecer.

A criança se mostrou um bom leitor e compreendia o que dizia o enunciado, porém não manifestava interesse em responder dando respostas rasas a fim de terminar aquela tarefa o mais rápido possível para ir brincar. Segundo Vygotsky (1998), para entendermos o desenvolvimento da criança, é necessário levar em conta as necessidades dela e os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação “a criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação àquilo que vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que vê” (VYGOTSKY, 1998, p. 127).

A cada resposta dada pela criança, antes dela escrevê-la na atividade, a mãe perguntava se a criança tinha certeza daquilo e não o instigava a desenvolver uma resposta mais elaborada e com maior clareza. Vygotsky (1998) fala que a criança experimenta a subordinação às regras ao renunciara algo que deseja, e é essa renúncia de agir sob impulsos imediatos que mediará o alcance do prazer na brincadeira, pois a mesma queria que a atividade acabasse para ir brincar. Maturana (1998b, p. 23) afirma que o amor é a emoção fundante do social porque “constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social”.

A outra questão em que se solicitava que a criança elaborasse um texto sobre as impressões sobre a imagem e o que ele poderia mudar, a mãe acreditou que se tratava de uma repetição das perguntas por não compreender os enunciados corretamente. Desse modo, a

criança não respondeu aquela questão. Maturana (1998b, p. 28) explica que toda história individual humana é a transformação de uma estrutura inicial hominídea fundadora, de maneira contingente com uma história particular de interações que se dá constitutivamente no espaço humano”.

Ademais, percebemos o quanto mãe se importava com a leitura da criança e não demonstrava o mesmo interesse quando se tratava da compreensão do texto, pois, de acordo com Freire (1992, p. 11-12)

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem realidade se prendem dinamicamente. A compreensão texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto FREIRE (1992, p. 11-12).

Nessa família notamos que existe o processo de letramento no convívio de mãe e filha, mas não existe o hábito da leitura. Logo, é necessário pensar no ato de ler como mediador de descobertas sobre características comuns e opostas entre diferentes indivíduos, grupos sociais e culturas inseridas em uma realidade e momento históricos; compreendendo assim a questão cultural, vista de forma mais ampla. Para Soares (2003, p. 38), o letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

Ao responder às perguntas a mãe se mostra um pouco confusa, pois a mesma relata que não tem tempo de ler, mas que procura ver jornal na televisão, quando há tempo olha alguma coisa na internet. Quanto frequentar a escola responde que vai algumas vezes, pois a filha não tem mal comportamento, então ela não vê necessidade. Para Vygotsky (1998, p. 41) as funções psicológicas superiores, que são características do ser humano, por um lado, estão ancoradas nas características biológicas da espécie humana e, por outro lado, são desenvolvidas ao longo de sua história social. Por isso, o aprendizado envolve sempre a interação com outros indivíduos e a interferência direta ou indireta deles.

Família 2:

Percebemos que ao iniciar as atividades a serem feitas, a mãe instiga os filhos a lerem as questões transcritas no caderno. Em seguida, ela pede que os filhos leiam o assunto transcrito no caderno para procurarem as respostas das atividades uma vez que as crianças não possuem

livro didático. O fato da criança não ter livros didáticos já traz grande problema no desenvolvimento educacional, pois o livro é uma ferramenta de grande importância no seu desempenho. O livro é elemento indispensável na alfabetização de uma criança. De acordo com Fiori (apud FREIRE, 1982, p. 5-6)

Um mínimo de palavras, com a máxima polivalência fonêmica, é o ponto de partida para a conquista do universo vocabular. Essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfiguradas pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo. Assim, ao objetivar uma palavra geradora íntegra, primeiro, é depois decomposta em seus elementos silábicos – o alfabetizando já está motivado para não só buscar o mecanismo de sua recomposição e da composição de novas palavras, mas também para escrever seu pensamento. Fiori (apud FREIRE, 1982, p. 5-6)

Dentro dessa observação, a mãe se prontifica a auxiliar e participar das explicações das tarefas, utilizando recursos tradicionais da sua própria vida escolar trazidos pela memória, mas parece evidente a dificuldade dos pais diante dos problemas de aprendizagem. Enquanto algumas mães se sentem perdidas diante das dificuldades dos filhos, outras utilizam várias tentativas, esperando conseguir atingir os objetivos do desempenho bem sucedido.

Observamos que as crianças fazem uma leitura decodificada dos enunciados e conteúdos onde não há compreensão por parte deles. Desta maneira, ao verificar que não houve compreensão por parte dos filhos a mãe lê os enunciados e a matéria onde a mesma dá a resposta da questão para as crianças. Segundo Soares (2009) as atividades de alfabetização e letramento devem desenvolver-se de forma integrada. Caso sejam desenvolvidas de forma dissociada, a criança certamente terá uma visão parcial e, portanto, distorcida do mundo da escrita.

Na primeira questão da atividade, a mãe lê o enunciado e pergunta às crianças se elas compreenderam o que o assunto pede para ser respondido. As crianças respondem oralmente quais são os alimentos obtidos pela terra e em seguida a mãe pede para que copiem o que acabaram de falar. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social. (TFOUNI, 1995, p. 09).

As crianças demonstram dificuldade para escrever as palavras e a mãe soletra cada sílaba para que elas copiem corretamente. Ao perceber que as crianças têm dificuldade com a escrita, a mãe orienta que elas devem soletrar pausadamente cada palavra antes de ser transcrita no caderno e exemplifica soletrando cada uma das palavras.

Em todas as etapas da descodificação, estarão os homens exteriorizando sua visão de mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade. E, nesta forma expressada de pensar o mundo fatalistamente, de pensá-lo dinâmica ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 1982, p. 115).

Na segunda questão, a mãe tem dificuldade em compreender o enunciado e pergunta às crianças se em seus cadernos ou no livro didático há algum assunto que ajude a responder aquela pergunta. As crianças respondem quem tem o assunto daquela atividade copiado no caderno e a mãe solicita que leiam para ajudar na resposta da questão. As crianças leem o assunto e não conseguem compreender, desse modo, a mãe quem responde oralmente à questão solicitando que seus filhos respondam a partir de sua resposta.

A terceira questão solicita que as crianças respondam os significados de avicultura, apicultura e piscicultura. Baseada na leitura de uma das crianças que leu a palavra “agricultura” ao invés de “avicultura”, a mãe passa a explicar do que se trata a agricultura e percebe que o filho leu o enunciado errado e então a mãe volta para o assunto transcrito no caderno, aponta onde a resposta se encontra e a dita para que os filhos copiem.

Com efeito, na medida em que, um a um, vão todos expondo como perceberam e sentiram este ou aquele momento que mais os impressionou, no ensaio “descodificador”, cada exposição particular, desafiando a todos como descodificadores da mesma realidade, vai representificando-lhes a realidade recém-presentificada à sua consciência intencionada a ela. Neste momento, “readmiram” sua admiração anterior no relato da “admiração” dos demais. (FREIRE, 1982, p. 124).

Na quarta questão, onde solicita que as crianças escrevam cinco produtos que podem ser obtidos pela pecuária, porém, baseada apenas na leitura das crianças que leram “pessicuaria”, a mãe parte para o assunto na busca pela resposta. Aqui percebemos a desatenção da mãe que não leu o enunciado da atividade e não soube auxiliar as crianças nessa questão.

O letramento representa os diversos meios da prática social em que a escrita se faz presente, e, se pensarmos sobre essa perspectiva, de que as crianças vivem em uma sociedade letrada, percebemos que é quase impossível imaginar que durante muito tempo aprenderam decorando e formando palavras desconexas do contexto em que vivem. (LUIZATO, 2003, p. 72).

Dessa forma, a mãe pediu que os filhos escrevessem o que bem entendiam do significado daquele termo e assim os filhos responderam nomes de produtos ligados à apicultura.

Na quinta questão da atividade que solicita que as crianças citem produtos obtidos através do extrativismo divididos em produtos minerais e vegetais, umas das crianças lê o enunciado. Percebemos que as crianças relembram a aula que tiveram sobre esse assunto na escola e respondem sem precisar buscar a resposta no caderno. Segundo Freire (1992, p. 47). O educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo [...], e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos.

A todo momento a mãe era interrompida no auxílio às crianças pois tinha que atender chamados na porta de sua residência, impaciente para terminar aquela tarefa e cuidar de seus afazeres domésticos e demonstrava que não compreendia os enunciados.

A educação é uma transformação na convivência. Crianças e jovens transformam-se com os quais convivem. Em termos de espaço psíquico, submergem nas conversações da vida das pessoas adultas. Então eles vão depender do que acontece da psique da pessoa adulta. (MATURANA; DÁVILA; MUÑOZ, 2008, p. 116).

Averiguamos, portanto, que se a mãe não fosse constantemente interrompida e sua paciência não se esvaziasse e tivesse o hábito de acompanhar as tarefas e leituras, seus filhos teriam um desenvolvimento melhor em suas atividades escolares.

Ao ser confrontadas com as perguntas esta mãe diz ler revistas de moda e fofocas, que gosta muito, as notícias ver na televisão quando chega à noite vai assistir às novelas e acaba assistindo o jornal. Frequenta a escola sempre que é convocada, pois tem medo dos filhos aprontarem, e as professoras nunca teve o que falar de nenhuma delas. Segundo Oyama (2008, p.53), “Nem o DNA, nem qualquer outro participante no desenvolvimento, opera autonomamente ou controla o todo.”

Se observarmos os animais, veremos que os adultos não os são apenas na sexualidade, mas quando deixam de ser dependentes de outros, em sentido básico de sobrevivência. Sempre estão relacionados com outros, mas há um momento em que o animalzinho tem um manejo do mundo que o permite atuar com autonomia, e esse é o momento da adulez. Nosso verdadeiro problema desde a perspectiva da educação, é que isso vai acontecer de uma ou outra maneira. Pode ser que algumas crianças não o consigam. (MATURANA; DÁVILA; MUÑOZ, 2008, p. 120).

Família 3:

Observamos que a mãe não solicita que a criança leia os enunciados da atividade onde a própria mãe lê as questões para a criança pedindo apenas que ela responda por que a mãe não se mostra paciente para esperar que a criança leia o enunciado completo. Sendo assim, quando a criança escreve a mãe mostra-se preocupada com a sua caligrafia e muito impaciente com os erros corriqueiros de escrita. Segundo Grinspun (1998) “[...] independente da classe social a que pertencem os alunos, os problemas de aprendizagem no campo físico, psicológico e social podem ocorrer, causadas por dificuldades na afetividade, segurança e auto-afirmação”

Mesmo impaciente e preocupada em terminar a atividade escolar da criança para seguir com seus afazeres domésticos, a mãe orienta a criança da melhor maneira possível compreendendo os enunciados. Quando a atividade se trata de destacar as palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, mesmo afirmando que não se lembrava mais dessas regras gramaticais, a mãe orienta a criança a perceber que as oxítonas são as últimas sílabas mais fortes, as paroxítonas “as sílabas do meio” e proparoxítonas “a primeira sílaba”. Soares (2006, p.15) afirma que alfabetização é um conceito mais específico, que diz respeito à aprendizagem da língua escrita como uma nova linguagem, diferente da linguagem oral, mas a ela associada. A mãe auxilia a criança pronunciando as palavras e destacando a sílaba mais forte para facilitar a resposta da criança. Nas demais atividades, a mãe apenas orienta a escrita correta das palavras.

Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz “olha o que a fada madrinha trouxe hoje!” está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas: assim, ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros, como o de ouvir uma historinha antes de dormir); também está aprendendo uma prática discursiva letrada, e, portanto, essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever. (KLEIMAN, 1995, p. 18).

Concluimos, portanto, que se a mãe lesse os assuntos que explicam a atividade poderia auxiliar de uma maneira mais eficiente a crianças com seus exercícios escolares. Tanto a mãe compreenderia melhor como também poderia ajudar a criança melhor. Vianna explica o comportamento do ser humano e suas possíveis consequências:

Nós seres vivos, existimos em comunidades de classes distintas. Os humanos, em particular, existem em comunidades integradas por indivíduos conscientes de si mesmos, que podem refletir sobre sua própria existência e ser conscientes de si mesmos, que podem refletir sobre sua própria existência e ser conscientes de que, com seu viver, vão configurando os mundos que vivem, e que esses mundos não preexistem o seu viver, (DÁVILA; MATURANA; GUTÉRREZ, 2008, p. 56).

Essa mãe diante das perguntas responde que ler muito jornais, revistas, menos livros. Vai à escola sempre que solicitada e nunca teve problema com nenhuma das professoras, elas sempre corresponderam as suas expectativas. Diante das observações feitas no auxílio nas

atividades escolares, essa mãe é consciente de sua atitude não é correta, pois demonstra ter total esclarecimento. Segundo Maturana; Dávila e Muñoz (2008, p. 118), somente nós, seres humanos, [...], podemos imaginar um futuro e um passado e refletir sobre eles, de modo a transformar nosso presente, se o quisermos.

CONCLUSÃO

Buscou-se neste trabalho apresentar o estudo de caso como uma modalidade de pesquisa, sinalizando o processo de letramento de crianças mediadas pelos pais, enfatizando a importância de se trabalhar o que essas crianças trazem de casa como bagagem para a sala de aula. Alfabetizar e letrar são indissociáveis, para desenvolver esse trabalho foi necessário entrar no mundo da criança e da família e, junto com eles, observar a leitura e a escrita que seu contexto oferece. À medida que se conhece seu mundo, é possível ampliá-lo, oferecendo novas propostas, maneiras e diferentes tipos textuais, como estratégia uma linguagem interativa, criativa e descobridora, abandonando os métodos repetitivos e descontextualizados.

Os pais destas crianças têm grande benefício ao utilizar as práticas sociais para ajudar nas tarefas escolares, esta aquisição da leitura e da escrita leva-os a mediar estas crianças a vivenciar o conhecimento, interpretando diferentes contextos que circulam socialmente, aprendendo, dessa forma, a relacioná-los com diferentes situações.

O papel da escola e do professor torna-se, então, de suma importância, pois é tarefa de ambos mostrar o quanto são grandes as possibilidades de letramento e como ele está presente socialmente nas suas várias funções. Isso contextualiza a aprendizagem e desperta na criança o sentimento da importância de ser inserida na sociedade e ajuda na educação dos pais. O educador como mediador, que parte da observação da realidade para, em seguida, propor respostas diante dela, estará contribuindo para a formação de pessoas críticas e participativas na sociedade e para uma prática significativa, em que o professor planeja suas aulas com coerência, visando à construção de conhecimentos com os alunos e indiretamente com os pais.

Nessa perspectiva, a aquisição do código alfabetizar e letrar passa a ser compreendidos como atividade de expressão, comunicação e registro de experiências, conectando-os ao mundo real da criança, sem separar algo que está social e culturalmente interligado. Contudo o ensino da leitura e da escrita deve ser entendido como prática de um sujeito agindo sobre o mundo para transformá-lo, afirmando, dessa forma, sua liberdade e fugindo da alienação.

Para que o processo de letramento ocorra, é preciso, portanto, levar em consideração a cultura em que a criança está inserida, adequando-a aos conteúdos a serem trabalhados, às produções de diferentes gêneros textuais e à sua utilização social, tendo como estratégia uma linguagem interativa, criativa e descobridora, abandonando os métodos repetitivos, descontextualizados e tendo a família como fiel colaboradora.

O levantamento e a observação do cenário da casa dessas crianças permitem fazer alguns comentários que leva ao conceito de letramento de uma perspectiva política e cultural da escola. O letramento vem a ser mais que o domínio mecânico e utilitário da escrita e da leitura, é aquisição dos meios de leitura e escrita crítico, um passar de indivíduo passivo - sujeito sem identidade e influenciado por interesses e anseios de outro, para tornar-se sujeito ativo que considera, ao mesmo tempo, interesses subjetivos e coletivos.

De acordo com as perspectivas levantadas e nas limitações culturais observadas no levantamento de dados desse trabalho podem-se justificar os problemas encontrados nas escolas para alfabetizar e o fracasso escolar pelo acesso restrito a leitura. Verificamos que para alguns o acesso à leitura dá-se somente por meio dos materiais escolares dos filhos. Desta forma como já sugeridos por outros estudos também ficou evidente a contribuição da família no desenvolvimento escolar dos filhos além da mediação destes aos seus pais. Porém, sobressaiu a esse pensamento no contexto dessa pesquisa a ideia de que a escola enquanto instituição detentora das práticas educativas influencia fortemente a vida e a formação dos filhos e dos pais, trata-se de um processo que sai da escola, passa pelos alunos e chega aos pais. Esse ciclo escola-alunos-pais a continuidade do processo de letramento dos adultos por influência direta de seus filhos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cidália et al. Estudo de Caso. **Métodos de Investigação em Educação**. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em: <http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf>. Acesso em: 26 de abr. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Samuel Pereira. **Práticas de letramento no meio rural brasileiro: a influência do Movimento Sem Terra em escola pública de assentamento de reforma agrária**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2003, p. 01-243.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Morais. (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 350-368.

CASTANHEIRA, M. L. Da escrita no cotidiano à escrita escolar. **Revista Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, n. 20, p. 35-42, 1991.

DÁVILA, Ximena; MATURANA, Humberto; GUTIÉRREZ, Humberto. Viver e conviver na diversidade cultural. In: VIANNA, Beto (ed.). **Biologia da Libertação: ciências, diversidade e responsabilidade**, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008. p. 55-61.

ERICSSON, K. A., SIMON, H. A. (1993). **Protocol analysis**. Verbal Reports as Data (revised edition). Cambridge, MA: Bradfordbooks/MIT Press.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY; Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Ângela B. (org). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995, p. 147-160.

_____. **O que é Letramento?** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas, UNICAMP/MEC, 2005.

KOHL, Marta de Oliveira (1995). Letramento, cultura e modalidades de pensamentos. In: LUIZATO, Carla. Contexto de letramento: é possível trabalhar com produção de texto na Educação Infantil. **Leopoldianum - revista de estudo e comunicação**, v. 28, n. 78, p. 71-73.

LEAL, T. F.; GUIMARÃES, G. L. & SILVA, L. N. Promovendo a diversidade textual em sala de aula. In: GUIMARÃES, G. L.; LEAL, L. N. (Orgs). **A formação continuada do professor**. Recife: Ed. Bagaço, 2004, p. 52-63.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MATURANA, Humberto; DÁVILA, Ximena; MUÑOZ, Ignacio. Os fundamentos biológicos do educar e do educador social. In: VIANNA, Beto (ed.). **Biologia da Libertação: ciências, diversidade e responsabilidade**, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008. p. 114-123.

MATURANA, Humberto, **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

_____. **Da Biologia a Psicologia**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

MOREIRA, Nadja da Costa Ribeiro. Portadores de texto: concepções de crianças quanto a atributos, funções e conteúdo. In: KATO, Mary A. **A concepção da escrita pela criança**. Campinas, SP: Pontes, 1992, p. 11-18.

MUSSEN, P.H. **O desenvolvimento psicológico da criança**, Rio de Janeiro, 1970.

NOGUEIRA, M. A. (1998). **Relação família-escola**: novo objeto na sociologia da educação. Cadernos de Educação PAIDEIA, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, mar/abr.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos. **A criança e seu desenvolvimento**. Perspectiva para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2001.

OYAMA, Susan. Mudança de Hábito, In: VIANNA, Beto (ed.). **Biologia da Libertação**: ciências, diversidade e responsabilidade, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008. p. 50-54.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Pais e Educadores**: quem tem tempo de educar? Porto Alegre: Mediação, 2007.

REGO, Teresa Cristina. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Párabola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2004, p. 62-93.

_____. **Alfabetização e Letramento**. 5ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

_____. **A reinvenção da alfabetização**. Disponível em: <<http://www.meb.org.br/biblioteca/artigomadasoares>>. Acesso em: 6 maio, 2016.

_____. **Alfabetização e letramento na educação infantil**. Disponível em: <<http://www.revistapatio.com.br>>. Acesso em: 20 abril, 2016.

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In: COOL, César (org.). **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999, p. 33-40

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas: Pontes, 1995.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Ângela B (Org.). **Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995, p. 91-118.

VALMASEDA, M. **Os problemas de linguagem na escola In Desenvolvimento Psicológico e Educação**, Vol. 3. Porto Alegre: Artes médicas, 1995, p. 83-99.

VIEIRA, Maria Clarisse. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos. **Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015